PERPÉTUA, Fernando Gomes – *Francisco Sá Carneiro: Um católico na política*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2016, 261 p.

A publicação desta obra de Fernando Perpétua merece que nos associemos ao autor, à Editora Alêtheia e à Faculdade de Teologia da UCP – Porto para assinalar este válido contributo para conhecermos melhor o tempo que vivemos e para aprender a estimar o que deve ser estimado na nossa vida política. De um modo geral, temos tendência a cultivar um ressentimento para com as pessoas que se dedicam à nobre causa política. A generalização não é justa e ocorre, com a distância necessária, quando já se pode confiar no juízo da história, observar o que foi válido e celebrar o que é digno de memória. A figura de Francisco Sá Carneiro reúne todas estas condições.

O aspeto mais importante do livro consiste em mostrar como pode um político ser político, mantendo as suas convicções crentes e vivendo na política a partir delas e não apesar delas. Este problema é delicado de articular. Desde um certo ponto de vista, a presença de um católico na política parece contraditória: ou vive das exigências absolutas da fé ou cede à relatividade das decisões políticas. Ora, o livro que agora apresentamos mostra que um católico pode militar e pode presidir a um partido político democrático. E pode fazê-lo com muito proveito, exercendo esse cargo com espírito de missão. Em que condições o pode fazer?

A primeira condição é que essa pessoa conheça a distinção entre a instituição política e a instituição religiosa. Dito de outro modo, que professe a ideia de laicidade, ou melhor a ideia de Estado de

direito. Nesta forma de ordenação da vida política, nem o sacerdote dá a unção ao político, nem o político a pede ao sacerdote. O político age dentro do âmbito da autonomia moral, horizonte desde o qual funda as suas convicções e as suas escolhas. É que, no âmbito do Estado de direito, há uma distinção (sem separação) entre instituição estatal e sociedade civil. A instituição estatal, como tal, não tem credo religioso: respeita o pluralismo existente na sociedade civil. É sua missão dar lugar e dar vez a todas as vozes defensáveis da sociedade civil, sem tomar partido por nenhuma delas. De facto, o Estado não professa *uma* verdade. A verdade existe, mas é uma instância da sociedade civil. Ora a religião, no caso a fé cristã, é um elemento de primeira importância ao nível da sociedade civil. Neste âmbito, é de todo o interesse que a instância religiosa proclame a sua verdade ao povo que a queira ouvir e forme nela os seus membros, sobretudo aqueles e aquelas que vão servir a nobre causa da vida política e partidária.

O livro é um belíssimo estudo, em perspectiva genética, sobre a formação católica de Francisco Sá Carneiro. A partir de uma busca metódica e exaustiva, são demonstrados todos os âmbitos dessa formação: familiar, profissional, espiritual. Fica claro que a biografia pessoal e política de Francisco Sá Carneiro é marcada pela sua militância católica. Em nome da sua mundividência cristã, Sá Carneiro opôs-se, dentro da ala liberal, aos aspetos totalitários do Estado

Novo. Reparemos que este ponto é muito importante, uma vez que, em muitos meios, o regime de então era tido como um regime "católico". O livro contém elementos muito interessantes para mostrar como as coisas não se passavam assim e como as críticas dirigidas ao regime eram fundadas nas convicções sobre a liberdade e a democracia que o nosso estadista tinha bebido na sua formação católica. Por outro lado, fica também muito claro que a atuação de Sá Carneiro, depois do 25 de Abril, se pautou pela estruturação democrática da sua personalidade, estruturação que tem a sua raiz na formação e na militância católica.

Como é isso possível na personalidade concreta do político que foi Sá Carneiro? Aqui, certamente, é necessário distinguir entre a parte invisível da vida pessoal, a sua atitude, e a parte visível das escolhas concretas. Neste último âmbito, abre-se um leque de possibilidades. Sá Carneiro seguiu a via que é de todos conhecida. Outros crentes seguiram outras vias. Contudo que sejam respeitadoras da forma democrática da política, há diversas vias para os católicos na política. O livro percorre com muita paciência os fios intrincados das escolhas de Sá Carneiro, escolhas essas e combates onde está patente no visível a sua atitude invisível de crente. De facto, o crente tem a sua autonomia para agir como protagonista da sua vida dentro das complexas circunstâncias que se colocam a quem milita e quem exerce o governo. Longe vai o tempo em que a Igreja via os militantes políticos, sindicais ou empresariais como "manus longa" da hierarquia da Igreja. Os fiéis leigos são protagonistas da sua vida política e, nessa autonomia, exercem a política como missão.

O livro mostra que Sá Carneiro foi um homem do século, tanto quando assimilou

os movimentos humanistas, o chamado personalismo (sobretudo de Emmanuel Mounier), como quando assimilou a doutrina social da Igreja, na sua evolução marcada sobretudo pelo debate à volta do movimento que deu o Concílio Vaticano II. Não os assimilou de forma rígida, mas de forma criativa e prudencial, tendo em conta as exigências do tempo e as urgências de cada momento de que é feita a política concreta que exercem os governantes.

De entre outros aspetos presentes nele, aludiria ainda aos seguintes. Sá Carneiro pertence a um grupo mais amplo de militantes oriundos do Porto, vários dos que integraram a ala liberal, que mais remotamente se filiam no rico ambiente militante democrático que, desde o século XIX conheceu a cidade do Porto. Entre os mais destacados, lembraria a figura de Leonardo Coimbra e a sua ação em favor do Estado de direito, na Primeira República. Fossem monárquicos, fossem republicanos, fossem socialistas ou sociais-democratas, ou até anarquistas, um grande número de militantes se distinguiu na política, no sindicalismo, na academia, nas empresas, tanto governando como conduzindo a oposição democrática em nome da sua fé explícita ou da sua dúvida construtiva diante do silêncio de Deus.

Outro aspeto que é justo pôr em evidência é a ação de diversas personagens do clero que estiveram à altura de formar militantes cristãos pela democracia. Entre todos destaca-se naturalmente a figura de D. António Ferreira Gomes que, pela sua constância e lucidez, é um exemplo sem paralelo a ler as circunstâncias à luz da ética social cristã profética e iluminadora. Mas diversos presbíteros aludidos no livro merecem também a nossa justa homenagem como assistentes de Ação Católica ou promotores de apostolado, dentro da mística cristã da ordenação da sociedade segundo os valores do Reino de Deus.

Jorge Teixeira da Cunha